

# Tecendo cestos e evocando memórias: os usos e significados das cestarias entre os Anambé<sup>1</sup>

Irana Bruna Calixto Lisboa<sup>2</sup>

Resumo: Os Anambé são sujeitos indígenas que habitam na margem esquerda do rio Cairari, na região de Mocajuba, no município de Moju, no estado do Pará. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os usos e significados atribuídos as suas cestarias que compõem a Coleção Etnográfica Anambé alocada no acervo institucional da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF) da Universidade Federal do Pará. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisa bibliográfica e documental, pesquisa na Reserva Técnica por meio de levantamento, registro fotográfico, descrição dos artefatos e pesquisa de campo na Aldeia Anambé. Além disso, o diálogo com os interlocutores ocorreu mediante conversas informais, entrevistas semiestruturadas e gravadas. o estudo proporcionou o encontro intergeracional dos Anambé com seus artefatos antigos, elucidando a memória ancestral de seus antepassados por meios de seus objetos imbuídos de simbolismos e significados. Além disso, os cestos evocaram as memórias dos interlocutores que remetem a lembranças de tempos antigos, objetos e pessoas.

Palavras-chave: Anambé; Coleção Etnográfica; Cestarias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Professora Substituta de Antropologia no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, no Campus Binacional do Oiapoque (CLII -UNIFAP). Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela mesma instituição. Pós-graduanda na especialização Saberes, Linguagens e Práticas Educacionais na Amazônia ofertada pelo Instituto Federal do Pará (IFPA).

## Considerações iniciais

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os usos e significados das cestarias para o povo Anambé, os referidos artefatos compõem a Coleção Etnográfica Anambé que foi coletada no âmbito do Projeto Cairari desenvolvido por Arthur Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino, o qual foi criado a partir da notícia de que os Anambé não estavam extintos, apenas haviam se deslocado do seu território de origem. Os responsáveis pelo recolhimento dos objetos visitaram o grupo do Cairari durante os anos de 1968 e 1969. Mas, a formação da Coleção Etnográfica ocorreu em 1969.

O projeto resultou em duas coleções Anambé: a primeira foi depositada na Universidade Federal do Pará e a segunda foi encaminhada para o Museu Emílio Goeldi. Entretanto, este trabalho concentra-se na coleção alocada no acervo institucional da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF) da Universidade Federal do Pará.

Os objetos culturais possuem informações valiosas sobre um determinado grupo que os elaborou. O colecionamento é uma maneira de guardar e preservar artefatos com a intenção de que não se percam. A coleção etnográfica Anambé apresenta a multiplicidade das expressões materiais demonstrando o diversificado e rico patrimônio cultural deste grupo indígena.

As coleções etnográficas têm a prerrogativa de contribuir para a valorização e a preservação do patrimônio cultural indígena, possibilitando reiterar frente à sociedade nacional a existência de populações indígenas, reservando-lhes um lugar no futuro do Brasil. (VELTHEM, 2005).

No interior da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF) estão depositadas coleções etnográficas dos seguintes grupos indígenas: Anambé, Aramagoto, Juruna, Kamayurá, Kayabi, Suyá, Xikrin, Kuikuro, Trumai, Txukahamãe, Xaruma e Yawalapiti.

Para o estudo das cestarias Anambé, os procedimentos metodológicos pautaram-se no método etnográfico, pesquisa bibliográfica e documental, pesquisa na Reserva Técnica por meio de levantamento, registro fotográfica, descrição dos artefatos e pesquisa de campo na Aldeia Anambé. Além disso, o diálogo com os interlocutores Anambé e duas pesquisadores que desenvolveram trabalhos com o grupo, ocorreu mediante conversas informais, entrevistas semiestruturadas e gravadas.

## Os Anambé

Brusque (1862 apud NIMUENDAJU,1948) esclareceu que o primeiro contato dos Anambé com a sociedade envolvente ocorreu por volta de 1842. Ainda de acordo com Nimuendaju (1948), um grupo de Anambé vivia na Aldeia Tauá, nas cabeceiras do Cururuí, no alto Pacajá. Porém, o primeiro contato com a sociedade não indígena aconteceu no rio Caripi, afluente do Tocantins, um pouco acima de Alcobaça (atual Tucuruí).

Na fala do presidente da província do Pará, José Joaquim da Cunha (1853), dirigida à Assembleia Legislativa provincial, declarou que no mês de outubro de 1852, um grupo de índios Anambé estabeleceu contato com Jacinto Machado da Silva, morador do alto rio Tocantins, no distrito de Baião, para pedir proteção e disponibilidade para aldearem-se na região.

Os Anambé foram atacados por um grupo inimigo denominado Jauorité-tapuiara. A guerra entre os dois grupos ocasionou o deslocamento dos Anambé em direção às cabeceiras do rio Cururuhy e a construção da Aldeia Tauá. Os Anambé que moravam na Aldeia Tauá decidiram formar outra aldeia nas cabeceiras do rio Caraipé; e isto ocorreu porque o grupo discordava do comportamento do capitão Manuel Luiz. Na recém-criada aldeia nomearam como chefe o índio José Pacheco (PENNA, 1864).

Em 1874, a aldeia Anambé estava reduzida a 46 pessoas. No ano seguinte, 37 pessoas morreram de varíola e os nove sobreviventes juntaram-se a seus companheiros do Tocantins (NIMUENDAJU, 1948).

Napoleão Figueiredo (1983) descreve a forma pela qual o grupo chegou ao rio Cairari, especificamente à região do Sipoteua:

O atual aldeamento Anambé está localizado no rio Cairari, acima do Lago Grande e em frente ao furo do igarapé Bacuri. Até onde vai a memória tribal, as informações colhidas indicam que o grupo veio para esse rio, das cabeceiras do rio Moju, após luta com os Gaviões que o expulsaram desse território. Desceram o rio Moju, sempre perseguidos pelos Gaviões, e encontraram-se com a população interiorana desse rio, na altura do igarapé Cachoeira, nas proximidades do igarapé Água-Clara; cruzaram o divisor de águas entre os rios Moju e Cairari e levantaram aldeia no lugar Sipoteua, nas proximidades do igarapé do mesmo nome (FIGUEIREDO, 1983, p. 75).

Segundo Figueiredo (1983), o comerciante Bernardino Inácio dos Santos estabeleceu contato e amizade com os Anambé quando estavam localizados em Sipoteua. Posteriormente, construíram uma aldeia na foz do igarapé do Marinheiro, nas proximidades do lago Grande, na Aldeia Velha. Posteriormente, Anaíza Vergolino (1990)

afirmou que Bernardino morou no Cairari, e então convenceu os Anambé a se instalarem no Lago Grande do Cairari, onde fixaram-se e após um tempo mudaram-se para outros quatro lugares próximos ao Lago.

Segundo o Processo FUNAI/BSB/1036/1979, o grupo ocupou várias aldeias às margens do Cairari (Sipoteua, Marinheiro, Queimada Grande, Urubu), sempre descendo o rio até chegar à margem direita do Cairari, entre o igarapé Bacuri e o furo do Bacuri.

Recentemente, os Anambé são sujeitos indígenas que habitam na margem esquerda do rio Cairari, na região de Mocajuba, no município de Moju, no estado do Pará. A língua materna deste grupo é denominada língua Anambé, que faz parte do tronco linguístico Tupi, família linguística Tupi-Guarani. Todavia, a língua perdeu a vitalidade ao longo do tempo, pois as últimas gerações não se comunicam na língua, os mais idosos falam a língua. Por isso, o português foi adotado como língua corrente em suas comunicações.

As atividades de subsistência do grupo baseiam-se na caça, pesca, agricultura e produção de farinha. Na Terra Indígena (TI) Anambé residem 186 pessoas, distribuídas em seis núcleos criados pela comunidade, que considerou adequado a organização do espaço desta maneira (LISBOA, 2017). Considerando o índice de natalidade dos anos seguintes, a demografia populacional apresenta em torno de 220 pessoas residindo na T.I.

As casas estão dispersas no território, construídas com a madeira retirada da Terra Indígena, cujo modelo é similar ao regional, dividida em sala, cozinha e quartos; e o banheiro é construído fora da residência. Além disso, o local possui escola, posto de saúde, campo de futebol, igreja e casa de farinha (LISBOA, 2017).

No que diz respeito a nomenclatura étnica Anambé, os interlocutores afirmam que é o nome de um pássaro, e os “índios antigos” escolheram para ser o etnônimo do grupo. Nesse sentido, conforme Nimuendaju (1948), o termo “anambé”, na Língua Geral, é aplicado a um considerável número de espécies de pássaros da família *Cotingidae*.

Um tempo atrás, os Anambé foram considerados extintos (NIMUENDAJU, 1948). Nessa perspectiva, Malcher (s.d. apud Gomes, 1997) também considerou a extinção do grupo. Embora tenha garantido a existência de remanescentes na margem esquerda do rio Acaraí, junto com índios Tembé. Darcy Ribeiro (1996) não mencionou os Anambé em seu levantamento sobre os grupos indígenas do Brasil. Em síntese, o grupo não estava extinto; apenas desaparecera da região que ocupava tradicionalmente, voltando a aparecer na margem direita do rio Tocantins, na região do rio Cairari.

Em torno da Terra Indígena Anambé desenvolveram-se dois centros populacionais. A primeira é a cidade de Mocajuba, situada às margens do rio Tocantins. a segunda é a Vila Elim, um vilarejo próximo à aldeia e atravessado pelo rio Cairari. Ambos locais são frequentados pelos Anambé.

Em Mocajuba vendem farinha aos comerciantes da feira, compram gêneros alimentícios, recebem o auxílio do Bolsa Família e as aposentadorias a que têm direito, além de darem continuidade aos estudos, principalmente o ensino médio e fazer cursos profissionalizantes.

Na Vila Elim também comprar gêneros alimentícios, alguns contraem casamentos com os moradores da Vila, as mulheres da aldeia competem torneios de futebol com time da Vila, anos atrás a igreja Assembleia de Deus adentrou a aldeia por meio das relações estabelecidas com os moradores da Vila.

#### Um olhar sobre a coleção etnográfica Anambé

A coleta de elementos materiais de culturas indígenas teve início com a descoberta do Novo Mundo. Tais objetos tornaram-se conhecidos na Europa através de crônicas orais e descrições de gravuras, de desenhos e pela visualização dos mesmos. Estes artefatos eram apreciados pelo seu exotismo e raridade, mas as características estéticas não eram consideradas relevantes (Surtevant 1976 apud Ribeiro e Velthem 1992). Assim, os objetos de origem indígena foram incorporados aos “gabinetes de curiosidades”, que são os precursores dos atuais museus (Suano 1986 apud Ribeiro e Velthem 1992).

No final do século XIX, o espírito da época via o colecionismo de objetos indígenas como uma maneira de evitar a perda da cultura desses povos que estavam fadados à extinção, assim como buscar nesses artefatos a origem e a evolução do homem. Portanto, os artefatos testemunhavam os estágios da cultura humana e também confirmavam a superioridade europeia (CLIFFORD, 1988 apud RIBEIRO; VELTHEM, 1992).

Berta Ribeiro (1989), por sua vez, destacou a importância das coleções e dos acervos etnográficos para a Antropologia, especialmente para a história indígena, ou seja, para o resgate do autoconhecimento e da autorrepresentação das populações indígenas que elaboraram tais objetos. Além de promover o resgate e a conservação das tradições indígenas, Gallois (1989) ressaltou que os acervos etnográficos contribuem para o entendimento da dinâmica cultural dos povos indígenas.

A formação de uma coleção etnográfica só é possível graças ao trabalho de coleta, realizado principalmente por pesquisadores. Desta maneira, uma coleção etnográfica é o conjunto de objetos que tem relação entre si, e representam/possuem os valores históricos e culturais de um grupo.

A coleção etnográfica é um documento que pode ser interpretado de várias maneiras. Ela é constituída através da visão do coletor, por meio da interação com os produtores, em um momento histórico particular. Uma coleção etnográfica é formada por objetos que possuem um caráter histórico e diversos significados que não se limitam ao aspecto museal (SILVA; GORDON, 2011). Para Ribeiro e Velthem (1992), as coleções etnográficas são documentos que expressam a realidade material e a história de um determinado grupo humano.

Outro aspecto que emana das coleções etnográficas é o seu caráter simbólico, de fazer emergir as memórias de um coletivo, a partir dos objetos que podem deixar de ser produzidos em um determinado momento.

Diante da relevância dos estudos sobre cultura material indígena, inúmeros trabalhos abordaram as coleções etnográficas indígenas, dentre os quais se destacam: Figueiredo e Folha (1977), que organizaram um catálogo da “Coleção Montenegro”, com objetos de vários grupos indígenas, coletados na região amazônica e depositados no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas; Grupioni (1989) realizou um levantamento de artefatos Bororo em 16 museus brasileiros; Dorta (1992) desenvolveu um estudo das coleções etnográficas brasileiras de diferentes etnias, no período de 1650 a 1955, que estão sob guarda de várias instituições do Brasil e do exterior; Domingues-Lopes (2002) desenvolveu pesquisa com a coleção Xikrin alocada na Reserva Técnica da Universidade Federal do Pará; Linhares (2004) estudou as bonecas Karajá da Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emilio Goeldi; Silva e Gordon (2011) estudaram a coleção etnográfica Xikrin coletada pela etnóloga Lux Vidal durante o seu trabalho de campo junto ao grupo; Duarte e Silva (2014) abordaram os instrumentos musicais indígenas da Coleção Etnográfica Curt Nimuendaju do Museu Paraense Emilio Goeldi; Domingues-Lopes, Oliveira e Beltrão (2015) analisaram os brinquedos indígenas das coleções etnográficas alocadas na Reserva Técnica da Universidade Federal do Pará.

Velthem (2012), por sua vez, infere que coleções etnográficas são compostas de objetos que exprimem um estilo artístico que identifica uma determinada etnia, ou comunidade específica (RIBEIRO; VELTHEM, 1992). Um objeto etnográfico é fruto de um trabalho

manual, produzido com materiais e técnicas locais, cuja expressão é pautada nos parâmetros da sociedade que os produziu (SAVARY, 1989 apud VELTHEM, 2012).

Este estudo só foi possível graças ao trabalho de Arthur Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino, que desenvolveram pesquisa de campo junto aos Anambé entre os anos de 1968 e 1969, no âmbito do Projeto Cairari, aprovado pela Universidade Federal do Pará. (FIGUEIREDO, s.d.).

Para compreender o contexto no qual a coleção etnográfica Anambé foi construída, a entrevista realizada com Anaíza Vergolino foi de grande relevância. Primeiramente, a interlocutora discorreu sobre a escolha do grupo indígena Anambé para desenvolvimento de pesquisa de campo e coleta dos objetos da coleção etnográfica:

O início, para responder por que os Anambé. Primeiro, a ligação institucional da Antropologia que estava recém-implantada na Universidade, pois começa em 1966 a implantação da Antropologia na Universidade. E a ligação com o Museu Goeldi e com o professor, porque o professor Napoleão veio do Goeldi. O treinamento dele em campo começa no Goeldi. Então, a ligação institucional entre a Universidade Federal do Pará e o Goeldi. E a ligação pessoal dele com os pesquisadores, sobretudo com Eduardo Galvão, que além de antropólogo acabou sendo padrinho de uma filha do Napoleão. Então havia essa ligação familiar e institucional [...]. A ligação era semanal, ocorria todo tempo [...]. Eu me lembro que quando eu comecei na Antropologia, nos finais da tarde, invariavelmente, quase toda semana se passava na casa do Galvão pra ficar conversando. Eles ficavam conversando sobre trabalho, sobre à época, o quadro político, sobre tudo! Então, havia essa ligação muitíssimo próxima. Não era só com o Galvão, era com o Expedito Arnaud, com o Protásio Friel, com o Mário Simões, que era da Arqueologia [...]. Então houve um momento em que me lembro, que se sabia no quadro das áreas culturais indígenas, dentro da classificação do Darcy Ribeiro, dos grupos que estavam extintos. E esse grupo era dado como extinto [...]. Só que nessa época, eu acredito que em 1967, veio a notícia dessa área em que havia um posto fiscal. O Santinho, que era uma pessoa que estava muito próxima do Expedito e do Galvão, veio dizendo que esse grupo não estava extinto. Eles haviam se mudado por força da briga com os índios Gaviões e, pelo hábito, eles tinham de se mudar [...]. Com o embate com os Gaviões, eles teriam ido para o alto rio Cairari, então veio essa notícia que eles existiam ainda. E a necessidade de se fazer um levantamento sobre isso: Onde estavam? Como estavam? De que forma estavam? Eu lembro que Galvão e todos os seus projetos de pesquisa, viajando nos projetos de pesquisa dele. O Expedito e o Protásio, que eram mais ligados à Etnologia Indígena, todos estavam com viagens agendadas para as suas pesquisas. E se eu bem me lembro, o Galvão contactou com Napoleão para ir até essa região e ver como estavam, e fazer um relatório, quer dizer, que não foi um projeto de pesquisa acadêmica. A proposta foi fazer um levantamento, um relatório, que até Expedito e Galvão fizeram uma publicação. Então foi isso, por esta razão os Anambé; não que o Napoleão tivesse escolhido como um projeto de pesquisa, mas foi a circunstância.

A interlocutora esclareceu que o “Projeto Cairari” foi desenvolvido por ela e por Napoleão Figueiredo, e que, a princípio, não era um projeto de pesquisa acadêmica. Anaíza Vergolino participou do projeto acompanhando e auxiliando Napoleão em campo, naquela ocasião aprendeu com ele o fazer antropológico, pois na época ela era estudante

da Universidade Federal do Pará (UFPA). Ela afirmou que foi através do “Projeto Cairari” que as duas coleções Anambé foram constituídas:

Foi chamado projeto [...] mas não foi iniciado pela Antropologia da UFPA. Começou com um relatório de levantamento circunstancial do que estava acontecendo. Por isso, essa grande diversidade de cultura material, um pouco de cada, e que se formou as coleções duplas; uma ficou na UFPA e a outra foi encaminhada pro Goeldi.

Anáza Vergolino comentou como surgiu a proposta de reunir os objetos indígenas e encaminhá-los para a Universidade Federal do Pará, com o objetivo de organizar uma coleção etnográfica:

A antropologia da época era uma antropologia histórico-cultural, sobretudo da escola norte-americana e alemã. O que era essa antropologia? Uma das marcas dessa antropologia histórica vinha de Boas; era você fazer a pesquisa de campo [...] quer dizer, fazer a pesquisa em contato com o grupo. Fazer a pesquisa de campo é marca da antropologia [...]. Agora, no fazer da pesquisa, no caso, como o Napoleão ensinava: você estuda e você produz o resultado de um trabalho. O pesquisador deve procurar fazer como resultante do seu trabalho, que poderia ser desde um relatório e um trabalho de pós-graduação [...]. Então, fazia-se o trabalho acadêmico, mas também se coletava a produção da cultura material do grupo e a produção audiovisual de registro fotográfico [...]. Então, essa antropologia deveria ter esses três resultados. Por isso, as coleções para mostra da cultura [...] Era quase que uma “obrigação” do pesquisador fazer isso; documentar tanto a cultura histórica do grupo quanto a cultura material e todas as dimensões da cultura [...]. A antropologia da época era uma antropologia da documentação, que foi a antropologia que eu aprendi a fazer.

Anáza Vergolino explicou que durante o seu processo de aprendizado em Antropologia, o professor Napoleão Figueiredo ensinou-lhe que na pesquisa de campo havia três resultados esperados: o trabalho acadêmico, a coleta da produção material e o registro fotográfico realizado junto ao grupo. Portanto, a Antropologia da época era desenvolvida desta maneira, o que fundamentava a catalogação dos objetos que compõem as duas coleções etnográficas Anambé.

Ainda sobre a formação das coleções etnográficas Anambé, “nas duas etapas de campo, foram feitas duas coleções: uma depositada no Museu Goeldi e a outra depositada na Universidade Federal do Pará” (FIGUEIREDO, 1983, p. 76). A primeira coleção foi incorporada ao acervo do Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi e a segunda integrada ao Laboratório de Etnologia (CFH/Departamento de História e Antropologia) da Universidade Federal do Pará (FIGUEIREDO, s.d.).

Tratando sobre as viagens de campo, a interlocutora lembrou que foram realizadas duas viagens de campo à região onde se encontravam os Anambé. A sua primeira viagem, juntamente com Napoleão Figueiredo, ocorreu no segundo semestre de 1968, na qual eles foram acompanhados por Santinho, que indicou o caminho para chegar ao local e os



deixou na aldeia, retornando após o desembarque. Neste trabalho de campo, ambos permaneceram por cerca de um mês na aldeia Anambé. A segunda viagem foi realizada em 1969, na qual eles permaneceram na aldeia por um período de aproximadamente três meses, e foram coletados objetos da coleção Anambé.

Anaíza Vergolino comentou sobre o recolhimento dos objetos respondeu que “(...) Tinha uns que eram do cotidiano; foi só questão de recolher. Zagaias de todo tipo, patrona, aquelas bolsinhas de ir pro mato com as coisas. Eram coisas do cotidiano que se recolheu”.

O levantamento dos objetos culturais na Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia teve a contribuição do museólogo Bernardino da Costa, uma vez que não detenho conhecimentos especializados na área de museologia. O Inventário Coleções Etnográficas Etnologia Indígena, População Urbana/cultos Afrobrasileiros e populações Interiorana realizado por Domingues-Lopes et al. (2003), baseado no catálogo organizado por Arthur Napoleão Figueiredo, norteou o levantamento. A primeira etapa do trabalho consistiu em identificar os objetos no interior da Reserva Técnica através do número de tombo das peças, facilitando a busca e localização das peças. Após a identificação, os objetos foram retirados das embalagens, higienizados e preparados para o registro fotográfico e análise dos objetos, com o objetivo de atualizar as informações referentes à coleção etnográfica Anambé. Em seguida, os objetos retornaram ao seu local de origem no acervo.

De acordo com Domingues-Lopes et al. (2003) seriam identificados na Reserva Técnica 93 objetos de origem Anambé, porém, na época em que a equipe desenvolveu o inventário não foram localizados dois objetos. Portanto, de acordo com o inventário a coleção Anambé deveria conter 91 objetos, mas no levantamento realizado por mim e Bernardino verificamos a existência de 87 objetos.

Por outro lado, no que se refere ao levantamento da coleção etnográfica, a princípio, pretendia conduzir os Anambé mais idosos até a Reserva Técnica da Universidade Federal do Pará (UFPA), para que os pudessem manusear e analisar os seus objetos culturais. Contudo, não foi possível proceder desta forma. Diante disso, adotei outra estratégia. Decidi revelar as fotografias produzidas durante o levantamento do acervo da coleção etnográfica. A partir da documentação fotográfica, elaborei uma exposição fotográfica na aldeia, para que todas as gerações pudessem conhecer os objetos produzidos e utilizados pelo grupo em 1969. Em seguida, mostrei as fotografias para os

mais idosos, individualmente, buscando interpretar as suas percepções e as memórias sobre os objetos da cultura material.

#### Os Anambé e suas cestarias: entrelaçamentos de memórias

Antigamente, os Anambé confeccionavam cestos para o transporte de cargas, bem como abanos e peneiras de trançado sobreposto, além de pequenos cestos de trançado em espiral para guardar miudezas (ARNAUD; GALVÃO, 1969). Figueiredo (s.d.) complementou que:

“Salvo pequenas cestas, tipo “coiled” (trançado em espiral com meia amarra, iniciado pelo fundo, de base plana) e outros pequenos objetos como patronas, paneiros, fusos, pilões, zagaias, arcos e flechas, todo o equipamento ergológico utilizado é de procedência nacional” (Figueiredo [s.d.]: 6).

Recentemente, o uso das cestarias no cotidiano Anambé é incipiente. Durante a estadia em campo visualizei dois cestos – que os interlocutores denominam de balaios – expostos na parede de uma casa como se fossem enfeites. O cacique informou que várias pessoas sabem fazer porque foi ministrada uma oficina para ensinar a confecção. Porém, eles não produzem em grande quantidade porque requer muito tempo empreendido na feitura e o local onde coletam a matéria-prima fica distante da aldeia. Diante disso, as cestarias foram substituídas por objetos industrializados, de procedência nacional.

No final dos anos 1960, as cestarias eram produzidas com frequência, pois faziam parte dos objetos utilizados no cotidiano do grupo. Além disso, “os índios antigos” detinham o conhecimento de uma variedade de modelo de cestos, conforme indicam os exemplares coletados por Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino.

Em seu Dicionário do Artesanato Indígena, Berta Ribeiro (1988) abordou um caminho para a sistematização da cultura material indígena, e ofereceu informações de como realizar o manejo e o estudo de objetos que são encontrados nas aldeias, recolhidos e conduzidos aos museus. Por isso, este dicionário norteou o estudo realizado sobre as cestarias Anambé.

A cestaria é um conjunto de objetos – cestos-recipientes, cestos-coadores, cestos-cargueiros, armadilhas de pesca e outros – obtidos pelo entrançamento de elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos, usados para transporte de cargas, armazenamento, recipientes, peneira ou coador (RIBEIRO, 1988).

Nesse sentido, Velthem (1998) apontou que a cestaria é uma técnica artesanal, assim como um conjunto de objetos produzidos por essa técnica. Os itens que compõem a coleção analisada abrangem as cestarias, termo que designa uma categoria de objetos trançados com fibras vegetais, sendo que esta nomenclatura foi adotada a partir de uma classificação formulada pela sociedade ocidental (VELTHEM, 2007).

Para compreender o contexto no qual as cestarias foram coletadas, a entrevista com Anaíza Vergolino foi imprescindível, pois a antropóloga comentou sobre os cestos coletados na aldeia Anambé. Na ocasião, a pesquisadora utilizou como recurso metodológico as fotografias das cestarias produzidas no levantamento da coleção etnográfica, para fomentar a memória da interlocutora:

[...] Uns tipos de cestos, que eram cestos de carregar caças, tanto os de carregar mandioca, quanto o jamaxim. Tanto o jamaxim quanto os mais grosseiros, grosseiros aqueles que eu digo que foram feitos na hora, trançados no mato, os viramundo. Esses estavam lá, era só uma questão de recolher. Napoleão foi perguntando se tinha outros tipos. E eles, sobretudo, os pequenos que as mulheres passaram. Os que tinham mais uso eram esses que se carregava a mandioca. Esses outros com a conversa, o Napoleão foi perguntando: Quem sabia fazer? No caso, as mulheres que se sentaram e começaram a fazer umas cestinhas que tão lá pela coleção da Universidade. Umas cestas pequeninas [...]. Eles foram fazendo, produzindo daquilo que eles foram se lembrando porque não era de tanto uso no cotidiano, mas ainda sabiam fazer, sobretudo os trançados; e foram fazendo mais elaborados. Esses mais abertos<sup>41</sup> você vê no dia a dia do trabalho; esses não tivemos que pedir para fazer. Foi-se recolhendo, mas tinha outros mais delicados e menores de Timboí<sup>42</sup>; esses disseram que sabiam fazer e foram fazendo, sentaram e fizeram.

Por conseguinte, Anaíza afirmou que os cestos que estavam prontos foram recolhidos, enquanto outros foram feitos pelas mulheres a pedido de Napoleão Figueiredo. Esses cestos foram confeccionados a partir das lembranças das mulheres, pois os cestos menores e de timboí não eram usados com frequência no cotidiano do grupo. Nota-se na fala da pesquisadora que os Anambé utilizavam no cotidiano os cestos voltados para atender as suas necessidades práticas, tais como transporte de caças e alimentos. Os cestos mais elaborados eram utilizados de forma incipiente, e as mulheres detinham o conhecimento desta técnica.

Vários estudos antropológicos trataram sobre as cestarias indígenas: Velthem (1998, 2003, 2007, 2014) sobre os cestos dos Wayana; Ricardo (2000) sobre os cestos Baniwa; Silva (2011) sobre os cestos Xikrin e Taveira (2012) sobre os cestos Karajá. Outros

estudos classificatórios de cestarias foram produzidos por Ribeiro (1985,1988) e O’Neale (1986).

No que se refere à cestaria da Coleção Anambé, Anaíza Vergolino informou que os cestos eram confeccionados pelas mulheres, enquanto as zagaias e os arcos eram feitos pelos homens, embora o cesto utilizado para carregar a caça – o jamaxim – que os homens confeccionavam na hora da caçada para auxiliar no transporte dos animais abatidos.

Velthem (1998) explicitou o processo de inserção das cestarias na vida dos Wayana, evidenciando a forma pela qual esses indígenas se relacionam com os objetos ao longo dos ciclos da vida, como o nascimento, a puberdade, o matrimônio e a morte. Além disso, ressaltou que a produção dos cestos é feita majoritariamente pelos homens, enquanto às mulheres cabe o uso frequente desses artefatos em seu cotidiano.

Ricardo (2000), por sua vez, abordou a cestaria de arumã, atentando para o fato de que a elaboração dos cestos foi ensinada aos homens Baniwa pelos seus heróis criadores, cujos grafismos foram registrados pelos ancestrais nas pedras, em forma de petroglifos, para que nunca fossem esquecidos.

No caso Anambé, quando perguntei à antropóloga sobre quem fazia os cestos no final dos anos 1960, ela informou: “Era Durica, a própria Arara fazia também, mas a Durica era a que mais fazia porque ainda lembrava e conseguia fazer. Tinha outra, mas eu não lembro o nome”. Em poucas palavras, a resposta da interlocutora indicou que as mulheres Anambé produziam os objetos de cestaria.

Entretanto, Risoleta Julião relatou na entrevista que durante a sua pesquisa de campo na década de 1990, observou a confecção dos cestos: “Quando eu cheguei pra lá, era só os cestos que eles faziam; quem fazia desses cestos eram [...] Durica [...] era a única que sabia fazer, e o Seu Siriquí que nem era índio”.

A interlocutora também mencionou Durica como uma pessoa que produzia cestos entre os Anambé, e isto demonstra que ela continuou confeccionando esses objetos durante muitos anos. Ademais, a pesquisadora afirmou que o Seu Siriquí confeccionava os cestos, mas não era índio, porém, ele era casado com uma índia Anambé. Neste sentido, indicou que talvez ele pudesse ter aprendido a fazer cestos com o seu sogro, Wypan Anambé, ou com a sua esposa, Maria José Anambé. Além disso, esta afirmativa indica que o casamento entre os Anambé e pessoas oriundas da sociedade nacional possibilitou a transmissão de saberes e fazeres tradicionais, no que diz respeito à confecção de cestos.

A linguista comentou sobre a utilização dos cestos no cotidiano do grupo indígena. Segundo a pesquisadora, alguns homens Anambé sabiam fazer cestos, mas as pessoas que

produziam tais objetos eram Durica e Siriquí. E lembrou que Durica produziu alguns cestos para ela, e até hoje guarda esses objetos em sua residência:

[...] Eles faziam mais pra usar no dia a dia, mais o paneiro, aquele grande assim, alto ela sabia fazer, o Pedrinho sabia fazer, o Eduardo sabia fazer, mas esse cesto assim pra usar dentro de casa, quando eu cheguei lá, nem tinha. Foi assim, quem faz, a mamãe sabe fazer cesto, tu quer? Quero! Ela foi pra dentro fez alguns; eu tenho uns lá em casa ainda, acho que tem uns três ou quatro lá por casa, tanto esse que o seu Siriquí fazia, que ele que fez assim mais alto, enquanto os dela que eram assim mais abertos.

Nesta fala, a pesquisadora mencionou que os cestos confeccionados por Durica eram mais abertos e os de Siriquí eram maiores e mais altos. Isto demonstra as diferenças de designer entre os trançados de cada produtor. Portanto, cada um sabia fazer um modelo de cesto.

Na ocasião, Durica expressou seus saberes, suas habilidades e suas representações da memória individual, que está atrelada à memória coletiva (HALBWACHS, 1990) do povo Anambé, manifestada por meio da confecção dos cestos.

A principal matéria-prima utilizada na fabricação dos cestos é a fibra de timboí, também conhecida pelos interlocutores como “cipó-titica” (*Heteropsis flexuosa* (H.B.K) G.S Buting). Conforme as informações obtidas em campo, os cestos da coleção serviam para guardar coisas, alimentos e carregar mandioca.

As formas das cestarias Anambé podem ser em três lados, tigeliformes, paneiriformes e bolsiformes. A função dos cestos-recipientes é de armazenar objetos, e são produzidos predominantemente de timboí, enquanto outros são confeccionados com arumã. A função do jamaxim é auxiliar no transporte das caças. A função da patrona é armazenar os cartuchos utilizados nas espingardas durante as caçadas.

Entre os Anambé a inserção de objetos alógenos pode ter fomentado a perda das técnicas e da variedade de cestos existentes. Hoje, o grupo indígena detém o conhecimento de um dos modelos dos cestos alocados na coleção etnográfica Anambé alocada no Laboratório de Antropologia da Universidade Federal do Pará.

O modo de fazer dos outros modelos de cestos da coleção etnográfica de 1969, não foi transmitido para os membros do grupo, fato lamentado pelos interlocutores, que gostariam de saber produzir outros tipos de cestarias. Conforme os artesãos que sabiam tecer os cestos, que compõem a coleção Anambé faleceram, os objetos deixaram de ser produzidos.

Após a conclusão do levantamento da Coleção foi realizada a pesquisa de campo junto ao grupo Anambé. Quando eles olharam as fotografias dos objetos, evidenciou-se o desconhecimento da existência de tais objetos alocados na Universidade Federal do Pará. Os mais idosos e as pessoas de meia-idade recordaram de alguns itens que ainda são confeccionados, enquanto outros não são mais feitos, tampouco utilizados. Os mais jovens passaram a conhecer os objetos utilizados pelos “índios antigos”.

No que concerne às cestarias, Dona Tapira recordou que antigamente quem sabia fazer cestos era sua mãe, seu tio Kai e Wypan. Ela lembrou o tempo em que adentrava a mata com seus pais, Durica e Kakui, em busca de cipós para produção de cestos. A narrativa da interlocutora ressaltou que “se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (BOSI, 1994, p. 39). Na ocasião, percebi a saudade que ela sentia dessa época, quando seus pais eram vivos e compartilhavam momentos dentro da mata, em busca de matérias-primas para a confecção de cestos.

Ademais, quando a interlocutora visualizou a fotografia da patrona com cartuchos, lembrou que o seu primeiro esposo, Ignácio Anambé, usava nas caçadas de animais que fazia com espingardas. Depois, ela viu as fotografias das cestarias e lembrou que o seu segundo esposo, Lico, fazia paneiros.

As fotografias dos objetos evocaram as lembranças das pessoas que Dona Tapira sente saudade, e que não estão mais presentes em sua vida. A interlocutora detém uma memória social sobre os cestos e a patrona, associada às lembranças de seus familiares. Esta memória torna-se também uma memória social e coletiva dos Anambé. Em poucas palavras, as memórias dos velhos evocam um passado vivido por eles e, nesse processo de recordações, acabam emergindo outras lembranças (BOSI, 1994).

Atualmente, o grupo indígena produz um único modelo de cestaria, o qual os Anambé denominam de balaio. Para a elaboração desses objetos é indispensável os conhecimentos prévios sobre as matérias-primas, bem como das técnicas produção, ou seja, o produto final é o resultado de saberes imateriais que se tornaram saberes materiais (GALLOIS, 2007).

Em campo, acompanhei a confecção de uma cestaria, Cafu produziu um balaio. Enquanto ele tecia comentava sobre os procedimentos necessários para confecção do balaio. O interlocutor explicou que estava fazendo um balaio de cipó-açu, que ficou submerso no rio por mais de um mês para que a fibra ficasse mais maleável e assim facilitar a elaboração do cesto. Ele explicou que se o balaio fosse feito com fibra de timboí,

conhecido como “cipó-titica”, não precisava ficar submerso no fundo do rio, pois o timboí é flexível.

Antes de começar a tecer, Cafu analisou o cipó-açu para verificar as imperfeições e, com o auxílio de uma faca, raspou algumas partes da fibra do cipó. Para tecer o balaio, utilizou três fasquias de cipó-açu, duas grossas e uma mais fina que entremeava os dois cipós mais grossos. O cipó-açu mede em torno de 15 metros, e o tamanho do cipó determina o formato do balaio. Este cipó é encontrado nas cabeceiras do rio Cairari e, à época, o artesão pediu que coletassem o cipó para ele.

O artesão começou a tecer o balaio pelo “fundo”. Segundo a classificação de Berta Ribeiro (1988, p. 69), o começo deste balaio é um umbigo radial que é “um anel enlaçado por pontos que irradiam dele circularmente”, considerado por ele a parte mais difícil de fazer. Após a conclusão do fundo, ele começou a fazer o corpo, quando as fibras de cipó-açu formaram um enlaçamento imbricado e, para finalizar, fez o arremate que resultou em um acabamento anelar e a borda reforçada através de uma fasquia mais fina do cipó às partes terminais do trançado.

O balaio dos Anambé é um cesto tigeliforme, ou seja, um cesto-recipientes em forma de tigela, geralmente com conformação arredondada, fundo plano e paredes de pouca altura e base côncava (RIBEIRO, 1988). Em linhas gerais, se o artesão trabalhar direto na produção, o balaio fica pronto em dois dias. Sobre o tempo de utilidade da cestaria, Cafu comentou sobre a durabilidade do balaio: “O cara morre e o balaio fica”!

Durante o processo de produção do balaio o interlocutor lembrou que sua avó, Durica, tecia muitos balaio e foi ela que o ensinou a fazer este tipo de cestaria. Ela também sabia fazer redes, mas isso não aprendeu a fazer, e lamentou por não saber. Ao ser indagado sobre como o balaio é utilizado, Cafu disse que pode guardar roupas ou usar como enfeite na casa. Ele lembrou que sua avó usava o balaio para guardar os seus materiais.

Ao acompanhar a produção do balaio pude perceber que trançar é um ato solitário e requer atenção, paciência e dedicação do artesão (BETO, 2000). Ademais, de acordo Leroy-Gourhan (s.d.), o gesto técnico empreendido para produção de um objeto não está apartado da memória, da inteligência e da habilidade do artesão, já que a coisa produzida e o seu produtor não se separam, estão interligados. Além disso, a elaboração de objetos agrega as marcas da personalidade do seu produtor.

Segundo Tim Ingold (2000), existe uma interação entre o cesto e o artesão. Para o autor, tecer um cesto consiste em um movimento de diálogo muscular entre o artesão e a coisa, isto é, os músculos do artesão e das fibras vegetais dialogam, ou seja, existe um ritmo

entre as fibras e o artesão que determina a confecção do cesto. Outrossim, o artesão vai fazendo-se em conjunto com o cesto, pois ele tem o engajamento prático e a experiência que proporcionam a “vida” ao objeto.

### Considerações finais

A pesquisa indicou que os Anambé desconheciam a existência e o conteúdo da coleção etnográfica. Portanto, o estudo proporcionou o encontro intergeracional dos Anambé com seus artefatos antigos, elucidando a memória ancestral de seus antepassados por meios de seus objetos imbuídos de simbolismos e significados. A partir disso, os cestos evocaram as memórias dos interlocutores que remetem a lembranças de tempos antigos, objetos e pessoas.

No que concerne as cestarias, antigamente eram mais presentes nos modos de vida Anambé, nos tempos atuais tornou-se incipiente devido demandar muito tempo empreendido na feitura e o local onde coletam a matéria-prima fica distante da aldeia. Diante disso, as cestarias foram substituídas por objetos industrializados, de procedência nacional. No final dos anos 1960 as cestarias eram produzidas com frequência, pois faziam parte dos objetos utilizados no cotidiano. Além disso, “os índios antigos” detinham o conhecimento de uma variedade de modelo de cestos. O estudo possibilitou o entendimento sobre as transformações culturais dos Anambé em seus aspectos tangíveis e intangíveis que perpassa os meandros das cestarias.

Em síntese, este estudo fez um levantamento da materialidade entre os Anambé em tempos distintos no intuito de descrever e analisar os usos e significados das cestarias para os interlocutores da pesquisa.

A cestaria estudada remete ao povo Anambé enquanto testemunhos materiais que expressam seus modos de vida à época de sua confecção e coleta, e hoje houve uma mudança nos significados atribuídos a esses objetos, que estão em desuso por meio da inserção de objetos de procedência não-indígena. Isso é reflexo das transformações da cultura material deste povo no que tange as cestarias.

O acervo etnográfico Anambé disponível na Reserva Técnica configura-se como um patrimônio cultural deste povo. A coleção Anambé é um campo frutífero para a realização de outros estudos, visto que esta pesquisa consistiu em apenas uma das possibilidades dentro do potencial investigativo desta coleção, em virtude da pluralidade de objetos é propício múltiplas abordagens.



## Referências

- ARNAUD, Expedito; GALVÃO, Eduardo. Notícia sobre os índios Anambé (Rio Cairari, Pará). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N.S. Antropologia, Belém, n. 42, n. 5, set. 1969.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CUNHA, José Joaquim da. Falla que o Exmº Snr. Dr. Presidente da Provincial dirigido à Assembléa Legislativa Provincial. Belém: [s.n.], 15/08/1853.
- DOMINGUES-LOPES, R. C.; OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. Desidades - Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude, v. 6, p. 25-39, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufrrj.br/index.php/desidades/article/view/2615/2185>>. Acesso em: 30 ago. 2015.
- DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. Desvendando significados: contextualizando a coleção etnográfica Xikrín do Cateté. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia; LIMA, Maria do Socorro; CHAVES, Carlos; BELTRÃO, Jane. Inventário Coleções Etnográficas Etnologia Indígena, População Urbana/cultos Afro-brasileiros e populações Interiorana. Belém: Universidade Federal do Pará, 2003.
- DORTA, Sônia Ferraro. Coleções Etnográficas: 1650-1955. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, p. 501-525, 1992.
- DUARTE, Edir; SILVA, Maria das Graças. Instrumentos musicais indígenas: a arte e a Coleção Etnográfica Curt Nimuendaju do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: Fundação Carlos Gomes; Museu Paraense Emilio Goeldi; Imprensa Oficial do Estado, 2014.
- FIGUEIREDO, Napoleão. Os Anambé. Belém: [s.n.t.].
- FIGUEIREDO, Napoleão. Os Anambé. Cultura Indígena: textos e catálogos. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa; Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 73-77, 1983.
- FIGUEIREDO, Napoleão; FOLHA, Maria Helena. Catálogo da coleção etnográfica indígena. Maceió: Instituto Histórico Geográfico de Alagoas, 1977.
- FUNAI-Fundação Nacional do Índio. Processo n. 1026/1979. Brasília: FUNAI, 1979.
- GALLOIS, Dominique. O acervo etnográfico como centro de comunicação intercultural. Ciências em Museus, v. 1, n. 2, out., p. 137-142, 1989.
- \_\_\_\_\_. Materializando saberes imateriais: experiências indígenas na Amazônia Oriental. In: Revista Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v. 4, n. 2, p. 95-116, dez. 2007.

- GOMES, Jussara Vieira. Grupos indígenas Amanayé e Anambé do Pará. Relatório. Boletim do Museu do Índio, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-72, dez, 1997.
- GRUPIONI, Luís Donisete. Levantamento de coleções Bororo em museus brasileiros. Ciências em Museus, v. 1, n. 2, out., p. 123-136, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- INGOLD, T. On weaving a basket. In: The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, p. 339-348, 2000.
- LINHARES, Anna Maria Alves. Os múltiplos contextos dos objetos indígenas: uma etnografia das “bonecas” de cerâmica Karajá. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- LISBOA, Irana. Cultura Material e Memória: um estudo sobre a coleção etnográfica Anambé do alto rio Cairari (PA). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2017.
- NIMUENDAJU, Curt. Little known Tribes of the Lower Tocantins River Region. In: Handbook of South American Indians. v. 3. Washington: Smithsonian Institution; Bureau of American Ethnology, 1948.
- O’NEALE, Lila. Cestaria. Suma Etnológica Brasileira. v. 2. Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes, 1986.
- PENNA, Domingos Soares Ferreira. Relatório do Presidente da Província do Pará, Couto de Magalhães, em 1864, que contém, em anexo, o relatório do Secretário da Província, sobre os rios Tocantins e Anapú. Belém: [s.n.], 1864.
- RIBEIRO, Berta G.; VELTHEM, Lúcia H. van. Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In Cunha, Manuela C. da. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1998, pp. 103-114.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. Dicionário do artesanato indígena. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia, 1988.
- \_\_\_\_\_. A arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- \_\_\_\_\_. Museu e Memória: reflexões sobre o colecionamento. Ciências em Museus, v. 1, n. 2, p. 109-122, out. 1989.

- RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno, 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RICARDO, Beto. Arte Baniwa: cestaria de arumã. São Paulo: ISA/FOIRN, 2000.
- SILVA, Fabiola; GORDON, Cesar. Objetos vivos: a curadoria da coleção etnográfica Xikrin. In: SILVA, Fabiola; GORDON, Cesar. Xikrin: uma coleção etnográfica. São Paulo: EDUSP, 2011. p.17-34.
- SILVA, Fabiola. A tecnologia da cestaria entre os Xikrin-Kayapó. In: SILVA, Fabiola; GORDON, Cesar. Xikrin: uma coleção etnográfica. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 173-190.
- TAVEIRA, Edna. Etnografia da cesta Karajá. 2. ed. Goiânia: EdUFG, 2012.
- VELTHEM, Lucia van. A Pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.
- \_\_\_\_\_. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. In: Boletim do Museu Emilio Goeldi, Ciências Humanas, Belém, v.7, n. 1, p. 51-66, jan-abr, 2012.
- \_\_\_\_\_. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. Revista Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.4, n. 2, p.117-146, dez ,2007.
- \_\_\_\_\_. O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- \_\_\_\_\_. As artes ameríndias entre as aldeias e os museus. In: Linked Heritage: an exhibition from the Amazonian Museum Network, Ediprint: Musée des cultures guyanaises, Cayenne, March 2014, p. 86-97.
- \_\_\_\_\_. As artes indígenas: o cotidiano na ordem cósmica. In: Culturas Indígenas. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2012, p.36-55.
- VELTHEM, Lucia van; LINKE, Iori Leonel. O livro do Arumã: Wama Pampila, Aruma Papeh. São Paulo: Iepé, 2014.
- VERGOLINO, Anaíza. Na trilha dos Anambé. O Liberal, Belém, 15 de nov. 1990. Caderno Especial de Aniversário, p. 7-11.